



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELE

Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
COIMBRA

VIDA OU MORTE PARA O SANTUÁRIO

Em 1961, depois de construída a variante da estrada florestal que passa por cima da povoação de Vale de Maceira e depois de estar ao serviço de todos os veículos pesados e ligeiros, a Mesa da Irmandade procedeu a obras de defesa e protecção do Santuário.

Nessa altura foi apresentada uma queixa na Câmara Municipal de Oliveira do Hospital por indivíduos de Vale de Maceira e Aldeia das Dez que se julgavam lesados nas suas serventias. A Câmara mandou estudar o assunto e sobre ele se pronunciou:

«Considerando as informações colhidas parece que não se justifica que a Câmara Municipal instaure um pleito para exigir a passagem de veículos pesados através dos terrenos do Santuário, devendo atender-se aos seguintes pontos:

1.º Que é muito duvidoso o direito que se pretende exigir, visto até não estar em causa uma proibição absoluta de passagem por parte da Mesa da Irmandade, existindo tal proibição apenas em relação aos veículos pesados.

2.º A passagem de veículos pesados só se tem feito há relativamente poucos anos, por forma a não estruturar a existência de um direito.

3.º A única solução, juridicamente mais segura, seria a expropriação de passagem através dos terrenos do Santuário para o trânsito de veículos pesados, se tal solução também se justificasse económica e moralmente.

4.º Verifica-se porém que o trânsito de veículos pesados está suficientemente assegurado, em condições de satisfazer plenamente as necessidades dos povos, pela existência de um troço de estrada que liga até os pontos extremos da passagem em questão, com a vantagem de deixar livre o terreno do Santuário, o que salvaguarda os interesses morais e religiosos ligados ao mesmo Santuário.

Pelas razões expostas entendeu esta Câmara em sua reunião de 25 de Abril de 1961 não haver motivos para tomar quaisquer providências judiciais, únicas que poderiam ser consideradas»

Segundo uma informação oficial foi agora apresentada a Ex.ª Câmara Municipal nova queixa ou exposição pretendendo que a Mesa da Irmandade seja forçada a dar uma serventia para as camionetas de carga precisamente no coração do Santuário isto é desde a igreja da Senhora das Preces, tanque, corêto da música até além da Capela dos Apóstolos.

Se tal pretensão for atendida, será inevitavelmente a morte do Santuário, causando grandes prejuízos materiais à Irmandade, além das gravíssimas consequências de ordem política e religiosa.

Esperamos que o assunto seja devidamente estudado em todos os seus aspectos. É uma questão de vida ou de morte para o Santuário.

Não se esqueça que o Santuário da Senhora das Preces é o melhor ponto de turismo do Concelho; que todos os anos é visitado por muitos milhares de pessoas não só nos dias das grandes festas, mas mesmo durante todo o ano.

Não se esqueça que no Santuário da Senhora das Preces ajoelham milhares de crentes em manifestação sincera de sua fé cristã e católica. Será um crime de lesa-Pátria e altamente ofensivo à fé católica tudo o que se fizesse para o destruir ou de qualquer modo prejudicar ou danificar.

Para o Santuário vida ou morte?

ABSTINÊNCIA E JEJUM

I — Por lei divina todos os fiéis estão obrigados a fazer penitência.

Seja o homem de que condição for, inocente ou culpado, justo ou pecador, é-lhe indispensável uma vida penitente e mortificada, ou para expiar o pecado ou para o precaver. Esta obrigação está patente em muitos lugares do Antigo Testamento e o próprio Senhor Jesus a impõe de maneira absoluta como condição necessária para a salvação. Assim, em S. Lucas afirma-nos: «se não fizerdes penitência, todos perecereis». E o Espírito Santo já muitos anos antes tinha pronunciado esta sentença: «se não

fizermos penitência, cairemos nas mãos do Senhor».

Poderemos lamentar esta necessidade, mas, feito um pequeno exame de consciência, reconheceremos facilmente não termos o direito de nos queixarmos, nem de nos lamentarmos. Ninguém pode considerar-se isento de pecado e, portanto, todos merecemos — mais ou menos — os castigos de Deus. Ofendemo-l'O, revoltamo-nos contra a Sua lei e toda a ofensa exige reparação: eis o motivo da penitência. Ela é, portanto, uma consequência necessária do pecado.

II — Por lei eclesiástica, para que todos os fiéis possam

estar unidos na celebração do preceito da penitência, a Santa Igreja indica, como modo de o realizar, o jejum e a abstinência em dias determinados.

«Nós apenas possuímos três espécies de bens: bens da alma, bens do corpo, bens de fortuna. Dos bens de fortuna podemos tirar alguma coisa com a esmola; dos bens do corpo, com o jejum (e a abstinência); dos bens da alma, que nos tornam aceites a Deus, não devemos privar-nos nem, de qualquer modo, diminuir-los, mas poderemos submetê-los inteiramente a Deus e isto alcança-se pela oração.

A esmola, o jejum (e a abstinência) e a oração extirpam as três raízes do pecado: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida. Devendo satisfazer pelos pecados, a oração repara os pecados contra Deus, a esmola os pecados contra o próximo e o jejum (e a abstinência) os pecados contra nós mesmos».

O contributo penitencial que agora se oferece (em vez das antigas bulas e indultos) deve ser a soma do que se poupou com os jejuns e abstinências.

É como que a soma dos nossos

(Continua na página 3)

NOVO PÁROCO DE ALDEIA DAS DEZ

Por motivo de falta de saúde suficiente para bem cumprir a minha missão de Pároco e seguindo o conselho amigo de médicos e especialistas, pedi ao



Senhor Bispo que me dispensasse de paroquiar e me desligasse do serviço paroquial desta freguesia de Aldeia das Dez que eu já servia há 32 anos.

Sua Ex.cia Rev.ma atendendo às razões apresentadas dignou-se aceitar a minha demissão e por Decreto de 1 de Fevereiro nomeou Pároco desta freguesia o

Sr. P.º António Lopes de Sousa, Pároco de Avô, tendo tomado posse no dia 13 de Fevereiro, ficando a paroquiar as freguesias de Aldeia das Dez, Avô e Santa Ovaia.

Estou convencido de que Aldeia das Dez fica bem servida.

O Sr. P.º Sousa é um rapaz novo, cheio de vida e ansioso de trabalhar na vinha do Senhor.

É natural da Carapinheira, Concelho de Montemor-o-Velho.

Ordenou-se em 1963, foi Pároco de Cadima alguns meses e esteve como coadjutor em Cantanhede durante cinco anos. Em 19 de Janeiro de 1969 tomou conta da freguesia de Avô.

Estes anos passados em trabalhos apostólicos foram sem dúvida uma boa escola de preparação para bem se desempenhar da missão que agora lhe é confiada.

Faço votos para que o seu apostolado seja fecundo e por muitos anos.

O Telefone do Sr. P.º Sousa é o n.º 57188.

PELO SANTUÁRIO

O Sr. Eduardo da Silva, residente no Canadá, enviou cinco dólares para a Capela da Senhora das Necessidades; a Sr.ª Elisa Neves, da Figueira da Foz, mandou 20\$00 para alumiar a Senhora das Preces; a Sr.ª Maria Elvira dos Anjos, de Lisboa, mandou 20\$00 para o mesmo fim, e a Sr.ª D. Maria da Piedade, também de Lisboa, mandou 100\$00, para o mesmo fim.

A festa da Senhora das Preces — a grande romaria da Beira — realiza-se nos dias 1 e 2 de Julho.

SABE QUANTOS ANOS
DEVE DO JORNAL?

O pavoroso caso, que ides ler, é verdadeiro e aconteceu há anos em Moscovo, capital da Rússia.

Era o último dia do ano. Iván jantou com os amigos e com eles assistiu a uma sessão de espiritismo.

A altas horas da noite encaminhou-se para casa, situada num dos bairros da grande cidade.

O caminho era longo; os pensamentos, tristes. A angústia oprimia-lhe o coração, porque não deixava de recordar o que os outros afirmavam terem dito os espíritos na sessão daquela noite.

«A tua vida foge... arrepende-te».

Iván para se encorajar ia repetindo: «O espiritismo não passa duma intrujice. Mas a verdade é que aquela alusão à morte próxima me aflige».

Entre as sombras da noite, que se adensavam pelas ruas, Iván sentia-se cada vez mais atemorizado. A chuva que caía sem cessar e o vento que gemia contribuíam para completar a sua preocupação. Apressava o passo e procurava não olhar para trás, com receio de algum espírito.

Como era modesto empregado e solteiro vivia sozinho num quarto. Subiu a escada, abriu a porta e entrou. Tudo estava escuro e o vento gemia na chaminé, como se quisesse queixar-se da sua dor.

Iván não podia esquecer as palavras do espírito, segundo o qual a morte podia chegar naquela mesma noite.

Acendeu um fósforo. Quando a chama aluminau o quarto, um espectáculo terrível deparou-se à sua vista. Lançou um grito e correu para a porta cheio de temor e desespero, fechou os olhos e fugiu de casa.

Que tinha acontecido? No meio do quarto estava um caixão. Sim, um caixão de morto.

Apesar da luz ter durado pouco tempo, a forma do caixão ficou bem gravada na sua imaginação. Era de brocado, com uma cruz

CAIXÕES E ESPÍRITOS

de galão doirado na tampa. Os adornos, os pés de bronze e o formato pequeno proclamavam que o defunto devia ser pessoa rica e nova.

Iván corria como louco pelas escadas abaixo; todas sumidas na escuridão. Os pés tropeçavam-lhe no capote. Quando mais tarde contava este caso, acrescentava:

— Nem compreendo como não caí várias vezes e não parti os ossos.

Ao ver-se na rua encostou-se a um candeeiro para sossegar. O coração batia-lhe apressadamente; tinha a garganta seca. Pensava: «Um incêndio, um ladrão debaixo da cama, uma inundação, um cão danado nas escadas não me teriam assustado tanto! Mas um caixão! E um caixão de luxo! Como foi ele parar ao pobre quarto dum insignificante empregado? Estará vazio ou terá algum cadáver dentro? Eu não acreditava nos espíritos, mas agora tenho de concluir que os há».

Recordava também que a porta ficava sempre fechada e que o lugar, onde escondia a chave só era conhecido por alguns poucos amigos de muita confiança. E eles não iam, com certeza, meter-lhe um caixão dentro do quarto. Os espíritos que naquela mesma noite lhe tinham profetizado o fim da vida, mandar-lhe-iam já o caixão para o seu enterro?

Procurava reagir e vencer o medo. «Não pode ser... Sou

um cobarde, uma criança. Foi certamente ilusão.

Eu estava impressionado pela sessão do espiritismo e os nervos fizeram-me ver o que não existe. Não pode ser outra coisa». (No entanto não conseguia varrer inteiramente da cabeça a dúvida e o receio de ser tudo verdade).

A chuva encharcava-o. O vento levou-lhe o chapéu e sacudia-lhe o capote deixando-o a escorrer água por todos os lados. Não podia ficar ali parado na rua. Mas onde ir? Voltar a casa e ver-se de novo em frente do caixão? Nem pensá-lo. Enlouqueceria se de novo encontrava o caixão no seu quarto.

Resolveu dirigir-se à casa dum amigo, também solteiro para passar a noite na sua companhia. Bateu várias vezes, mas ninguém respondeu. O dono estava certamente ausente. Buscou a chave atrás duma trave onde o seu amigo a escondia num sítio conhecido só pelos mais íntimos. Com a confiança própria de amigos, abriu a porta e entrou. Tirou o capote molhado, deitou-o para o chão e caiu no sofá, pois conhecia muito bem onde estavam os móveis, por muitas vezes ter vindo àquela casa. A escuridão era completa e também ali se ouvia o assobiar do vento nos telhados.

Acendeu um fósforo, mas oh! que horror! No quarto do amigo estava também um caixão de tamanho duplo do primeiro. E Iván deitou a fugir, loucamente.

Mas, que acontecia esta noite? Em todas as casas da cidade haveria um caixão à sua espera?

— Isto não pode ser, pensava. Estou a sofrer uma doença nervosa, provocada por aquela sessão espiritista. Eu dou em doido. Meu Deus, tende compaixão de mim e ajudai-me a remediar tudo isto!

A cabeça dava-lhe voltas e as pernas tremiam... Entretanto continuava a chover e ele sentia-se molhado até aos ossos, a tremer de frio, sem chapéu e sem agasalho. Como voltar atrás buscá-lo! Estava certo de que tudo aquilo era imaginação. Mas o medo, esmagava-o, tinha o rosto coberto de suor e os dentes batiam-lhe como castanholas. E se apanhava uma pneumonia? Felizmente, lembrou-se que na mesma rua vivia um médico amigo que tinha assistido naquela terrível noite à sessão espiritista rindo-se de tudo.

Iván encaminhou-se para sua casa. Também ele era solteiro e vivia no quinto andar dum grande edifício.

Ao entrar, Iván teve de fazer violento esforço para que os nervos não lhe estoirassem ao ouvir um grande ruído e os gritos angustiosos de alguém que descia apressadamente as escadas. Depressa apareceu entre as sombras o médico!

Iván gritou: — É o doutor Pagostof! Que tem?

O médico parou, olhou fixamente para Iván, reconheceu-o e pegou-lhe convulsivamente na mão. Estava branco, o corpo tremia-lhe dos pés à cabeça, os olhos mostravam-lhe abertos e espantados. Com voz rouca perguntou:

— É você, Iván? É verdadeiramente você? Está mais pálido que um morto. Meu Deus! Não é uma alucinação? Você quase me mete medo.

— Sossegue, Doutor. Não sou um espírito. Sou eu mesmo. Porque vinha a descer tão apressadamente as escadas?

— Amigo Iván, Bendito seja Deus, por o ter trazido para junto de mim. Agora sinto-me mais confiado. Aquela maldita sessão espiritista desta noite transtornou-me os nervos. Sabe o que me acaba de aparecer, quando entrava no quarto? Um caixão de defunto!

Iván ficou petrificado e mudo. Passados uns momentos de assombro disse:

— Um caixão de defunto no seu quarto! Pode lá ser verdade!

O médico, esgotado, sentou-se nas escadas e repetia:

— Sim, um caixão... um verdadeiro caixão de morto. Não sou cobarde, mas até o demónio se assustaria ao ver-se diante dum caixão no próprio quarto.

Então Iván, com voz trémula, contou ao médico as duas visões que tinha tido: um caixão no seu quarto e outro na casa dum amigo.

Durante alguns instantes ficaram ambos mudos de espanto olhando um para o outro. Por fim exclamou o Doutor Pagostof:

— Os espíritos, os espíritos deram-nos cabo da cabeça! Que havemos de fazer?

Depois de alguns momentos de hesitação, resolveram ambos vencer o susto e entrar juntos no quarto do médico para descobrir o mistério. Mas antes... pediram ao porteiro que os acompanhasse.

A tremer de medo e de frio, a tossir, para espantar o susto e os possíveis ladrões, subiram as escadas, entraram no quarto e acenderam a luz.

Não havia dúvida! Lá estava o caixão de brocado branco com flores e borlas doiradas. O médico tocou-lhe com o pé. Não era sombra! Era um autêntico caixão. O porteiro benzeu-se devotamente.

— Vamos ver — disse o médico com voz sufocada — se este caixão está vazio... ou habitado.

Depois de muitas vacilações, sempre com o bom porteiro ao lado, aproximou-se. Apertando os dentes com medo levantou a tampa. A todos sufocava o pavor de que o morto saltasse para fora, mas... o caixão estava vazio.

Em vez de defunto viram dentro um papel com as seguintes palavras:

«Meu caro amigo:

Creio que já sabes que correm muito mal os negócios do meu sogro, dono da Agência Funerária. Tem muitas dívidas. Estão para ir os polícias fechar a casa e entregar o material aos credores. Decidimos tirar para fora e esconder à pressa as peças de maior valor. Como a fortuna do meu sogro consiste nas urnas que fabrica, procurámos salvar as melhores. Espero que tu, como bom amigo, me ajudarás a defender a nossa honra e a nossa fortuna. Confiando na tua amizade, mando-te um caixão pedindo-te o favor de o esconderes e o guardares até passar o perigo. Precisamos de ajuda de vários amigos sinceros. Não me negues este favor. O caixão não ficará em tua casa mais de uma semana. Mande um móvel destes a cada um dos amigos, contando com a sua dedicação e generosidade.

Teu amigo, ICHILUSTIN.

— Bolas para os espíritos! — exclamou o Doutor Pagostof atirando com o papel para o chão.

Iván compreendeu então tudo. Calculou que cartas semelhantes deviam estar dentro de cada um dos dois caixões que encontrou na sua casa e na do amigo.

Mas foi tão violento o choque recebido, naquela noite trágica, que ficou doente dos nervos durante três meses.

Pouco a pouco recuperou a calma. Aos amigos e conhecidos declarava que o espiritismo é tudo uma intrujice e que o conhecia bem por experiência própria.

Também o genro do fabricante de caixões salvou a honra e a fortuna. Com muitos agradecimentos e desculpas recolheu as urnas depositadas nas casas dos amigos conseguindo vendê-las por bom preço.

Montou depois uma oficina de mármore, onde agora constrói formosos jazigos.

Da «CRUZADA EUCARÍSTICA»

Café Vaivém

em

Aldeia das Dez

no Largo das Fontes,
(junto ao pelourinho)

com

carro de aluguer

de

Serafim Mendes da Costa

Telefone 57171

Assinaturas pagas

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

- José Nunes da Fonseca, Avelar.
- João Dias Mendes, Chão Sobral.
- Arlindo Dinis de Oliveira, Covilhã.
- António Dias Figueiredo, Covilhã.
- José Dias Alves, Covilhã.
- Afonso Dias, Aldeia das Dez.
- D. Maria Olímpia Figueiredo, Aldeia das Dez.
- Viriato Gouveia, Aldeia das Dez.
- D. Maria da Mota e Silva, Cairaia de S. Paio.
- D. Aida Luisa Dinis, Lisboa.
- D. Maria do Céu Garcia, Aldeia das Dez.
- José das Neves Madeira, Lisboa.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

- Manuel Quintino da Silva, Pontinha.
- D. Sofia Amélia da Silva, Lisboa.
- Manuel Lourenço Fernandes Martins, Goulinho.
- D. Maria do Carmo de Jesus Carlos Henriques, Lisboa.
- A. Freire de Lima, Lisboa.
- Artur Martins dos Santos, Goulinho.
- António Abel Mendes Dinis, Lisboa.
- Ernesto Lourenço Fernandes, Goulinho.
- Francisco Mendes Dinis, Oliveira do Hospital.
- António Lourenço, Goulinho.
- Diamantino Moreira Gouveia, Corroios.
- José Francisco Castanheira, Lisboa.
- Silvério Lopes Castanheira, Lisboa.
- Francisco Coimbra de Figueiredo, S. Pedro d'Alva.
- D. Vestina Mariana Pereira, Loures.
- D. Cidália da Conceição Mendes, Cova da Piedade.

António Nunes da Fonseca, Odivelas.

- António Loureiro, Santa Ovaia.
- José Marques de Oliveira, Aldeia das Dez.
- D. Luísa Tavares Carvalho, Aldeia das Dez.
- Diamantino Nunes Baila Junior, Alvoco de Varzeas.
- José Dias, Lisboa.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

- D. Ilda Augusta da Silva, Luanda.
- António Gomes Madeira, Trancã de Lagos.
- D. Maria Manuela Nobre, Coimbra.
- D. Maria Preciosa Gil Nobre, Vide.
- Manuel Mendes Sazes, Aldeia das Dez.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

- João Lopes Ferreira, Coimbra.
- José Carlos da Silva Oliveira, Lobito.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

- Dr. Agostinho de Brito, Lagares da Beira.
- António da Costa Marques, Viseu.
- José de Moura, Coimbra.
- António João, Pontinha.

Com 60\$00 pagaram os Senhores:

- Angelo Lourenço Martins, Goulinho.
- José Lourenço Dias, Oliveira do Hospital.

Com 135\$00 o Senhor:

- Emilio Augusto Figueira, New York.

Com 140\$00 o Senhor:

- Eduardo Silva, Canadá.

Com 300\$00 o Senhor:

- Aristides Gonçalves Hall, Luanda.

ALDEIA DAS DEZ

FALECIMENTOS

No dia 14 de Janeiro faleceu em Aldeia das Dez a Sr.^a Belarmina de Jesus Fernandes, solteira, de 82 anos de idade.

No dia 24 de Janeiro faleceu a Sr.^a Joaquina de S. José Dinis, de 83 anos de idade, casada com o Sr. António de Oliveira Brito.

No dia 9 de Fevereiro faleceu no lugar do Goulinho, o Sr. Augusto Gouveia da Fonseca, de 87 anos de idade, casado com Maria Moreira.

No dia 15 de Fevereiro, no lugar do Avelar, faleceu a Sr.^a Arminda Mendes da Conceição, de 53 anos de idade, casada com o Sr. Manuel Henriques.

No dia 16 de Fevereiro, no lugar de Aldeia das Dez, faleceu o Sr. Manuel Mendes de Oliveira, de 43 anos de idade, casado com Isaura Teixeira.

SABE QUE É UM PECADO QUE BRADA AO CÉU, NÃO PAGAR O JORNAL A QUEM TRABALHA?

Alvoco de Várzeas

Igreja e Casa Paroquial—Como já algumas vezes temos noticiado, a primeira precisa de vários melhoramentos, entre os quais avultam o soalho, as paredes interiores, o coro, alguns bancos, as portas e o sino grande. Este já se encontra arranjado e a funcionar, mas em especial o soalho, um altar virado para o povo e o coro, são de extrema necessidade. As portas também, mas o mal está em arranjar artistas. Também a casa paroquial, assente em duas vigas de pinho, precisa que estas sejam substituídas por outras mas de cimento, pois as divisões abriram e estão desligadas entre si. Só a boa vontade de todos, como já o têm demonstrado noutras vezes, se poderá arrancar para tornar a nossa igreja mais funcional. Esperamos por vós.

Publicamos já os donativos recebidos até esta data: com 500\$00, Joaquim de Oliveira Nunes (Holanda) e Manuel Mendes da Costa; com 100\$00, Rosa Nunes Figueiredo e José Nunes André (Parente); com 50\$00, Luis Dias dos Santos (Coimbra). Total, 1.250\$00

Baptismos—Em 16 de Novembro, Afonso Manuel, filho de Manuel dos Santos Mendes

Abertura—Começamos neste ano a dar algumas notícias desta freguesia ribeirinha do rio Alva. Na verdade, embora a emigração seja grande, vai-se embelezando com novos edifícios, e o seu povo trabalhador nunca a esquece e quando pode lá está ele a visitá-la com novos meios de locomoção. Sòmente a má

PENALVA DE ALVA

estrada, por vezes impede que mais se aventurem por estas paragens. Pois é mesmo aventura andar nas estradas desta freguesia. Quem escreve, di-lo com conhecimento de causa.

É verdade que o nosso Município tem «ciclópicas problemas» a resolver. Mas quando achar ocasião não se esqueça da estrada que vai da Ponte das Três Entradas até Penalva de Alva, para não falar já nas outras que ligam os outros lugares a esta estrada uma das mais belas da região, mas cuja beleza da pai-

sagem não se pode apreciar porque tem de se olhar às covas que se nos deparam no caminho.

Movimento demográfico de 1971—22 baptismos, 14 casamentos e 18 óbitos.

Baptismos—Em 2 de Janeiro, Anabela, filha de António Alves

Dias e de Maria Fernanda Nunes Mendes Dias; e Nelson, filho de Carlos Alberto de Oliveira Mendes e de Maria Helena de Jesus Correia.

Em 9 de Janeiro, Anabela, filha de Florêncio Lopes e de Maria da Assunção de Jesus Correia.

Em 23 de Janeiro, Luís Manuel, filho de Marcelino António Guarda e de Maria Otilia Lopes Pereira.

Casamento—Em 30 de Janeiro, casaram nesta freguesia José Mendes da Fonseca, de Avelar (Aldeia das Dez), filho de José Nunes da Fonseca e de Ana Mendes do Rosário, com Maria Arminda Nunes, da Quinta do Filhõ, filha de Manuel Nunes e de Maria da Piedade. Apadrinharam Manuel Nunes da Fonseca e esposa e Francisco de Oliveira e esposa.

ABSTINÊNCIA E JEJUM

(Continuado da página 1)

sacrifícios e das nossas penitências.

Os avarentos também jejuam e também se abstem de carnes e de muitas coisas, mas para juntar dinheiro e não por espírito de penitência.

Os cristãos devem fazer isso por espírito de sacrifício, renunciando a certas comidas e algumas comodidades, em benefício dos seus irmãos e da Igreja.

ANEDOTA

Uma criada fora despedida da casa pela patroa, senhora de muito mau génio.

Ao sair, encontrou o patrão e, não se contendo, desabafou:

— Ah, senhor, se soubesse quanta pena tenho de si!

— De mim? Porquê?

— Sim, porque o senhor ainda cá fica!...

S. SEBASTIÃO DA FEIRA

Casa do Forno—Esta casa pertença da igreja, poderia ser adaptada em salão paroquial, servindo a catequese e outras actividades da freguesia, quer adjacentes à igreja, quer mesmo de carácter social e civil. Alguns emigrantes e outros habitantes aprontaram-se em colaborar no seu arranjo.

Poderemos pôrmo-nos em acção para que isto se concretize? Todos poderemos fazer com esta linda terra saia do marasmo em que tem andado.

Baptismos—Em 25 de Dezembro, Armando António, filho de Manuel Lopes da Fonseca e de Maria Judite da Fonseca.

Em 30 de Janeiro, Luís Miguel, filho de Jorge de Sousa Costa e de Irene da Conceição Marques Dias.

Falecimento—Em 28 de Dezembro, Olinda da Encarnação Marques, de 66 anos, solteira.

Movimento demográfico de 1971—5 baptismos, 1 casamento e 3 óbitos.

SEGUINDO OS PASSOS do MESTRE

Leitor amigo, deixa por uns momentos as preocupações da vida, as distrações do mundo e vem comigo em religiosa peregrinação ao Santuário da Senhora das Precês. Ali encontramos diante dos olhos os grandes Passos da Paixão de Cristo.

És cristão, tens de viver como Cristo; por isso segue-lhe os passos. Ele vai à frente para ensinar e dar exemplo.

Jesus entra em Jerusalém no meio de triunfo, saudado por toda a gente, aclamado por pequenos e grandes e todos dizem: «bendito o que vem em nome do Senhor».

No meio de palavras e vivas, Jesus chora à vista de Jerusalém. Chora porque os corações de muitos, talvez mesmo daqueles que o aclamavam, estavam endurecidos. Os olhos dos judeus viam o Mestre, mas não como o SEU Mestre; presenciaram os seus milagres, mas não o reconheciam como Deus; para eles não era o Amigo que se deseja e procura, mas sim um adversário perigoso de que era preciso desfazer-se.

Jesus lia-lhes na alma as suas malévolas intenções e por isso os seus olhos encheram-se de lágrimas, lágrimas de amor e de compaixão.

NO CENÁCULO

Leitor amigo, já reparaste que a capela dos Apóstolos representa o Cenáculo, isto é, a sala onde Jesus realizou a última ceia?

Pois foi ali que o Mestre realizou o maior milagre de toda a sua vida, milagre que se repete há perto de 20 séculos: a instituição da Eucaristia. Foi a primeira Missa que se celebrou no mundo e foi ali, naquele dia de quinta-feira Santa que Jesus se deu aos Apóstolos na Sagrada comunhão.

Jesus, por ser Deus, poderia criar novos mundos, poderia realizar novas e grandes maravilhas; mas maior milagre não podia realizar.

Olha para o rosto dos Apóstolos: espantados admirados, interrogando-se uns aos outros, como que a quererem descobrir o mistério das palavras de Jesus: «um de vós me há-de trair».

Se um raio ali tivesse caído naquele momento, não teriam ficado mais assombrados.

No entanto era verdade. Um daqueles que sempre o acompanhava, que ouviu a sua voz, que

presenciou inúmeros milagres, que todos os dias se sentam à sua mesa, traiu-o, vendeu-o, e ele mesmo o entregou aos seus inimigos.

Leitor amigo, não lhe atires pedras a esse infeliz Judas. Que lhe atire a primeira pedra aquele que estiver inocente. Sim, também nós muitas vezes atraímos o Mestre na nossa Missão, na nossa vida, nas nossas acções. Quantas vezes o vendemos não por trinta dinheiros, mas por menos ainda! Quantas vezes o trocamos apenas pela satisfação de um prazer!

Olha amigo, eu creio que o maior pecado de Judas não foi o de trair o Mestre, mas sim o seu desespero.

Creio bem que se teria salvo, se em vez de se ter enforcado na figueira se tivesse lançado ao

pescoço de Jesus, contrito e arrependido.

Vês? Pedro também atraiçou o Mestre, negando-o por três vezes apesar de estar prevenido e avisado pelo próprio Mestre. Mas reconheceu o seu erro, chorou amargamente o seu pecado e Jesus perdoou-lhe.

A CAMINHO DO CALVÁRIO

Jesus sai do Cenáculo e vai rezar para o jardim das oliveiras.

Leitor amigo, deixa a Capela dos Apóstolos e segue em visita à outras capelas. Vês? logo a seguir é Jesus no horto a rezar e de tal modo reza e se entristece que chega a soar sangue, a ponto de um anjo descer do céu para o vir consolar.

Vês? um Deus reza e tu não rezas? um Deus sofre e tu não

queres sofrer. Ele sofre para te ensinar a sofrer.

Os discípulos dormem e depois fogem. É natural; todos os seres vivos têm horror ao sofrimento e à morte.

Olha, quantas vezes não terá acontecido a ti coisa semelhante? Os teus amigos só são teus amigos enquanto lhes interessa a tua amizade. Nas horas das aflições, das dores, nos momentos difíceis, fogem.

Jesus lá vai a caminho do calvário. Leva a sua cruz e tão pesada que não tem forças para a levar sozinho. Precisa de um Cireneu.

E tu a revoltas-te contra Deus por te dar também uma cruz. Não desanimes. Todos temos uma cruz; o que é preciso é saber levá-la, não de arrasto, mas de boa vontade, com a certeza de que Jesus é o teu Cireneu.

Vês ali Jesus no alto da cruz, pregado e de braços abertos? É para abraçar todos os homens. Está suspenso entre o céu e a terra para atrair a si todos os corações.

A cruz foi instrumento de

ignominia, hoje é sinal de redenção.

RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA

Depois de estar parte de três dias no sepulcro, Jesus Cristo ressuscitou.

Jesus, morrendo, mostrou que era homem; ressuscitando mostrou que era Deus. A sua ressurreição foi a garantia da sua vida e é o penhor da nossa Fé. Se Cristo ressuscitou, também nós havemos de ressuscitar.

Mas repara, amigo, que ninguém pode ressuscitar sem primeiro passar pelo calvário e a glória, depois da ressurreição, será tanto maior quanto maior tenha sido a paixão.

Olha, leitor amigo, para te não enganares nas curvas dos caminhos da vida, segue de perto os passos do Mestre. Se caíres ele dá-te a mão; se vacilares ajuda-te, se tens receio de te perderes no caminho, olha bem para Ele.

Ele é o caminho, a verdade e a vida.

QUARESMA

TEMPO DA NOSSA TRANSFIGURAÇÃO

O tempo da Quaresma bem p o d i a chamar-se: Tempo de Transfiguração.

Com efeito, depois que os homens pelo pecado se afastaram de Deus, não tiveram mais em si aquela semelhança com que Deus os havia criado. Era na Vida Divina — a vida da Graça — que fomos feitos à semelhança de Deus. Perdida a Graça, o rosto espiritual do homem desfigurou-se.

Poderíamos acrescentar que se desfigurou como filhos de Deus, e, também, como homens se aviltaram. Aviltou-se no vício, na embriaguez, no orgulho, no ódio e na ambição. Não é mais aquela pureza e simplicidade primitiva; não é já aquele ser inteligente, refractário à mentira e ao erro; deixou de ser irmão dos homens seus irmãos, para os transformar em escravos ou inimigos.

Inventou a situação de criatura, dependente do Criador, para se constituir senhor único dos seus destinos, mas aos seus destinos também os diminuiu e fez raspear pela lama da baixaza, e, sobranceiro, quanto mais se quis tornar independente mais ficou sujeito ao medo, presa fácil dos próprios sonhos de grandeza e orgulho. O homem é hoje vítima do progresso que desenvolveu em busca da sua felicidade.

Sim, a felicidade!

A felicidade, essa ambição má-

xima do coração humano, está hoje tão longe da sua vida quanto ele afastou a sua vida da Vida de Deus, a qual dava ao homem a sua configuração real.

O homem moderno, ateu, materialista, gozador, orgulhoso, está totalmente desfigurado porque se não parece nada com Deus.

E vem a Quaresma, quando o remorso do pecador se faz ouvir perante a Santidade de Deus, para que o homem reencontre o caminho autêntico da sua felicidade. Nada mais agradável que a tranquilidade da consciência, a ausência de remorsos graves na alma. Esta quadra do ano está especialmente destinada a promover o regresso dos homens a Deus.

É agora que eles, como Jesus no alto do Monte Tabor, se transfiguram. O seu rosto cavado de remorsos deixa-se transformar na face límpida e tranquila das almas

em Graça, e os olhos que são o espelho da alma voltam a reflectir a Luz verdadeira que ilumina a consciência pacificada.

Tempo de Transfiguração!

Quantos cristãos, indiferentes à Luz, continuam nas trevas do pecado sem que as claridades do Tabor ou da Ressurreição brilhem nos seus olhos, só porque rejeitam a penitência e a humilhação de uma confissão bem feita.

Quantos doentes de alma recusam o remédio, de certeza amargo mas de certeza, também, eficaz, que lhes daria, de novo, uma paz que para sempre consideravam perdida.

Quantas vidas, que pareciam destroçadas, terão encontrado razões de erer na felicidade logo que os Sacramentos quaresmais as restabeleceram.

O mundo actual apostatou de Cristo e descreu de Deus e, por esse mesmo motivo, nunca como

agora, atingiu tão degradante estado de hipocrisia, de cinismo, de incerteza, de pavor. Pavor de si mesmo, dos seus mitos, dos erros e ciladas que se estão levantando debaixo dos pés e dos quais a inteligência sem rumo nem norte, não sabe defender-se convenientemente.

A Redenção da humanidade realizada por N. S. Jesus Cristo continua válida e santificadora: ao lado de verdadeiros criminosos satanizados pelo ódio, vivem famílias de verdadeiros santos, todos entregues à preocupação de servirem a Deus no campo, no escritório, nos transportes, na fábrica, no exército, nos hospitais e nos lares.

Cristo continua a fermentar a sociedade; é preciso que esta se deixe novamente transfigurar em Cristo pela Graça Divina.

Quaresma, tempo de Transfiguração.

ASSIM VAI A NOSSA ASSISTÊNCIA

O Sr. Carlos Mendes, residente em Lisboa é um dos Administradores da Docapesca, teve a amabilidade de nos enviar duas remessas de óleo de fígado de bacalhau para as crianças. Os nossos agradecimentos.

Recebemos, para as crianças: Da Ex.^{ma} Sr.^a D. Isaura Ma-

to, residente nos Açores, 100\$00; do Sr. Amílcar Gonçalves Hall, Luanda, 100\$00; do Sr. José Francisco Castanheira, Lisboa, 60\$00; do Sr. Evaristo Marques dos Santos, Lisboa, 200\$00; de um amigo de Coimbra, 100\$00; do Sr. Manuel Marques da Costa, Setúbal,

30\$00; do Sr. António Maria, Lisboa, 25\$00.

A todos os nossos agradecimentos.

JÁ PAGOU A SUA ASSINATURA DA VOZ DO SANTUÁRIO?

QUEM DEVOLVE SEM PAGAR AO INFERNO VAI PARAR.